

Ano 5, vol IX, Número 2, Jul-Dez, 2012, Pág 126-142

PREPARANDO PARA O MATRIMÔNIO: CURSO DE NOIVOS E NOIVADO EM UMA PARÓQUIA DE BELÉM¹

César Martins de Souza²

RESUMO: Em uma observação inicial, vemos apenas pessoas caminhando até a igreja, porém aproximando-nos mais, podemos observar uma diversidade maior de relações. Através de entrevistas abertas e observação direta foi possível construir uma etnografia entre os pretendentes ao casamento na igreja, investigando o curso de noivos e integração de casais. Neste sentido, podemos perceber uma preocupação com os futuros casados, em prepará-los segundo um processo de formação baseado nos princípios da igreja, mesmo que, muitas vezes, sejam contrários, na prática, aos ensinamentos da igreja.

Palavras-chave: noivado, igreja católica, ensino

PREPARING FOR MARRIAGE: BRIDES AND GROOMS AND ENGAGEMENT COURSE IN A CHURCH IN BELÉM²

ABSTRACT: First observing, we see people going to church but, getting near, we can observe a bigger diversity of relationship. Through open interviews and direct observation it was possible to build an ethnography among future brides and grooms in the church, investigating the course for them so that there will be a healthy relationship among them. This way we can notice worries with the future husbands and wives, in preparing them according to the principles of the church, even though, many times, they are contrary, in practice, to the teachings of the church.

Key words: engagement, catholic church, teaching.

² The present article was written according to the Mastering Dissertation in Anthropology by the author.

¹ O presente artigo foi elaborado a partir da Dissertação de Mestrado em Antropologia, do autor.

² Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense, Professor Adjunto I do Campus de Altamira Universidade Federal do Pará.

Dona Rita telefonou, queria confirmar nossa participação no curso, disse que já havia conversado com os organizadores, os quais haviam aceito sem restrições e que consideravam importante nossa presença.³ Assim que a missa terminou, faltavam alguns minutos ainda para o curso se iniciar e a igreja seria fechada, perguntamos ao responsável pela portaria se poderíamos aguardar nas cadeiras próximo à cozinha e após um franzir de testa, um riso e um aceno a resposta: não deveríamos fazer tal pergunta e sim ficar à vontade.

Começava o Curso de Noivos, com pedidos de desculpas do coordenador geral pelo atraso, “foi devido a todo mundo trabalhar, vocês sabem né, que a gente tem que cuidar das nossas famílias para poder aconselhar vocês sobre as famílias que estão formando.” Era um curso de aconselhamento, no qual todas as frases possuem uma finalidade pedagógica, bem como os pequenos gestos e as conversas informais durante o lanche realizado no intervalo, buscavam ensinar sobre os ideais do casamento para os presentes.

Havia oito casais entreolhando-se, como estranhos uns aos outros, parecendo querer saber um pouco a respeito dos outros, mas não ocorreram as tradicionais apresentações. Na verdade, o primeiro “casal” a ser apresentado fomos eu e Rachel, pelo coordenador, da seguinte forma:

eu só queria lembrar a vocês que aqui entre nós estão hoje dois universitários que fazem uma pesquisa sobre nossa igreja. Tomem cuidado então, que vocês estão sendo reparados por eles [risos, depois um olhar sério para um casal que não entendia]. Bem, é bom que eles já saem preparados para o matrimônio, assim quando quiserem se casar ... Mas vamos deixar eles se apresentarem agora.

Foi a primeira apresentação feita até aquele momento, ninguém dissera sequer o nome, embora ele estivesse escrito no crachá em letras pequenas com o nome de cada casal, ligado por hífen. Enquanto ele falava, casais riam entreolhando-se. Ficava no ar uma dúvida sobre nossas intenções no curso, explicamos de forma simples que queríamos participar, ouvir as histórias de todos, observar e aprender sobre famílias católicas.

³ Como estratégia de pesquisa, frequentei o curso de noivos com Rachel Oliveira (então graduanda em Ciências Sociais, hoje mestre em Antropologia), que estudava, em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o casamento enquanto ritual a partir da Igreja de Santa Teresinha.

Fomos bem recebidos durante todo o curso. A ideia inicial era de participarmos sem deixar os casais perceberem nossos objetivos mas fomos logo “desmascarados” pelo organizador, entretanto não ficou claro na explicação dele quais eram nossas intenções e muitos não haviam prestado atenção em sua explanação inicial, pois ainda estavam tentando se familiarizar ao evento. Mas os cochichos se seguiram a fala do coordenador que abriu o espaço para a indagação, manifesta através de perguntas, no intervalo do curso, sobre nossas expectativas, se éramos namorados, se ficaríamos noivos e onde morávamos.

Em diversas oportunidades, sobretudo nos intervalos para os lanches fomos abordados por alguns casais. Desde a saída da sala de aula até mesmo no banheiro surgia algum “curioso” perguntando algo a nosso respeito. Tal curiosidade foi importante porque proporcionou oportunidade de conhecer e conversar com vários casais, devido a abertura concedida por ocasião da busca de saber quem éramos e nossos objetivos ali.

Os casais, num total de oito, constituídos de forma heterogênea foram, aos poucos, sendo conhecidos: três professoras, seis estudantes de ensino médio e superior, um analista de sistemas, um pedreiro, dois auxiliares de escritório, um contador, uma arquiteta e um engenheiro civil; a faixa etária era muito diversificada, passando dos 20 aos 46 anos; outra marca de diversidade do grupo era o fato de existirem casais que já moravam juntos⁴ com e sem filho, namorados há pouco e muito tempo.

Construir uma tipologia parece difícil devido a diversidade dos casais ali presentes, porém é possível classificá-los conforme os marcadores sociais conhecidos. Os próprios casais pareciam estranhar as diferenças entre eles, porque passavam por marcadores sociais como renda, profissão, idade e tempo e forma de relacionamento. Um dos organizadores brincava, entre risos, com tal diversidade, lembrando que “o Curso de Noivos é uma experiência”.

Em cada ensinamento repassado no curso, era possível perceber e analisar as reações que provocavam, pois os casais entreolhavam rindo, cochichavam e/ou balançando a cabeça afirmativamente ou negativamente conforme suas concordâncias

⁴ As expressões “viver junto e “morar junto” são utilizadas na paróquia, inclusive no próprio curso de noivos, para denominar a condição em que se encontram casais que possuem uma união consensual estável, ou seja, que não se uniram sob as bênçãos da igreja, através do matrimônio.

ou discordâncias em relação ao que fora dito. A força do olhar mútuo entre os casais expressava concordâncias e discordâncias, rememorava momentos íntimos, muitos dos quais somente conhecidos pelo casal. A cada frase dita nas palestras era possível ver olhos brilhando mutuamente ou rostos enrubescendo em sinal de reprovação, acompanhados por frequentes cochichos.

A estrutura do curso suplantava os livres comentários, as pessoas pareciam intimidadas umas pelas outras, até por não haverem se apresentado, senão ao final do curso, as opiniões ficavam portanto restritas à esfera do indivíduo, mas um indivíduo composto pelo casal.⁵ No ano anterior o curso de noivos era realizado todos os meses, mesmo que houvesse apenas um casal inscrito. Se tal acontecesse, ou até três casais, o curso ficava restrito a uma noite com palestra proferida pelo pároco. A partir desta edição, o curso tornou-se trimestral e subdividido em diferentes palestras, durante duas noites, sextas e sábados, das 20h às 22h, e domingo, das 8h às 12h. As palestras foram ministradas por leigos, membros da EPM (Equipe de Preparação para o Matrimônio),⁶ por um padre e por uma médica convidada.

A programação, iniciou-se na noite de sexta-feira, com a palestra “Sacramento e Sacralidade,” proferida por um padre, visando mostrar o matrimônio sob a ótica do Direito Canônico, e qual a importância dele para a vida cotidiana e a construção de uma nova sociedade pautada no amor. Assim, na opinião dele, a “família é o centro amoroso no qual se pode pensar em construir uma sociedade fraterna sem toda a desunião e violência que nós vemos hoje.”

A segunda palestra, após o lanche, ainda na sexta-feira, “Amor e Sexualidade no Casamento” foi proferida por um casal da EPM e, nos dois cursos dos quais

⁵ Para Heilborn, a individualidade num relacionamento amoroso se dá a partir da manifestação de espaços da individualidade que se torna uma supra-individualidade, pois o individual refere-se sobretudo ao corpo dos parceiros, mas não apenas o corpo erotizado e sim os elementos relativos ao corpo como em atividades higiênicas, compartilhadas pelo casal, como toalhas e escovas de dentes.. Sobre o tema, consultar HEILBORN, Maria Luiza. “Vida a Dois: conjugalidade igualitária e identidade sexual” In: *Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), 1992. p. 143-156.

⁶ A EPM é formada por um grupo de casais da liderança da paróquia, geralmente também membros da organização do ECC (Encontro de Casais com Cristo), que projetam e planejam todas as etapas do curso de noivos. Essa equipe se reúne com frequência para definir o curso em todos os aspectos, bem como planejar outras atividades que envolvam os casais da paróquia. Os casais que palestram e os que falam sobre suas experiências pessoais no curso de noivos são membros da EPM.

participamos, os palestrantes destacaram a relação intrínseca entre amor e sexo como fundamentais para o cotidiano do casamento.

Na segunda noite, sábado, uma médica convidada, utilizando-se de vídeos, proferiu a palestra “Sexualidade Humana,” na qual apresentou a temática através de seu aspecto orgânico, biológico e destacou a importância de o casal conhecer o corpo biológico do(a) parceiro(a). Após o lanche, um casal da EPM relatou sua própria experiência sobre o relacionamento conjugal e a educação dos filhos na palestra “Paternidade Responsável”. Em seguida, fechando a programação do dia, vários membros da EPM foram chamados a dar seu depoimento pessoal sobre o amor no casamento.

No terceiro e último dia, domingo de manhã, a programação iniciou-se com um café-da-manhã oferecido pela EPM, e depois os trabalhos começaram com o depoimento de um casal sobre os problemas e alegrias em seu próprio casamento. Em seguida, um casal da liderança leiga da paróquia falou sobre “Direitos e Deveres na Família,” enfocando a divisão de papéis na família como lavar, passar, cozinhar, cuidar dos filhos.

O curso foi encerrado com a proposta de um debate entre os casais, para questionar e/ou elogiar o curso, entretanto apenas um jovem noivo manifestou sua opinião, elogiando o esforço, porém considerando fracas algumas palestras como “Sexualidade Humana,” pois, segundo ele, tratou da sexualidade e do corpo humano de um modo frio e distante da realidade. Depois do momento de avaliação coletiva do curso, foi elaborado um ensaio da cerimônia do casamento com todos os casais participantes e o curso foi encerrado.

O Curso de Noivos se constitui em uma oportunidade de a igreja repassar seus dogmas, a partir de palestras e depoimentos, até o cotidiano dos lares. É a perspectiva da construção de uma relação mais íntima entre a família e a instituição religiosa. Eles estavam numa reunião da igreja e esta poderia através de sistemas de controle social e de seus ensinamentos, estender-se até espaços onde não é possível interagir, o espaço da casa, reduto íntimo da família, com seus valores sendo vivenciados pelos membros cotidianamente.

O padre palestrante do curso, quando se refere à fundação de uma sociedade nova, pautada na família, fundada no amor, constrói um discurso repetido em diversos momentos, bem como em depoimentos obtidos em conversas com um dos coordenadores da EPM, seu Miguel.⁷ Em entrevista a seu Miguel e dona Rita na residência deles, entre outros temas que foram abordados, no tocante ao casamento e morar junto, seu Miguel fez a seguinte afirmação:

a união entre um homem e uma mulher tem que ser feita na Santa Igreja, porque isso traz a benção de Deus, esse negócio de viver junto, não pode não porque é pecado. Por isso é que nós fazemos o Curso de Noivos: para que homem e mulher possam se conhecer sobre as bênçãos do matrimônio, aprendendo na igreja como é a convivência amorosa dentro de um lar.⁸

Sobre o casais que vivem junto, a Igreja Católica sustenta, em oposição a outras visões presentes na sociedade, defende a importância da família regular,⁹ como a verdadeira, porque através do matrimônio “os noivos juram existir verdadeiro amor em seus corações” e “a união sacramental dos dois, selada pela aliança estipulada por Deus, perdura e consolida-se na sucessão das gerações.”¹⁰

O padre citou por diversas vezes a Bíblia, sobretudo em passagens do livro de Gênesis e do Evangelho Segundo Mateus que versam sobre a necessidade da união do homem com a mulher, através do matrimônio, para se tornarem “uma só carne.” Utilizou essas passagens bíblicas para citar o Direito Canônico e afirmar que a decisão de casar tem de ser tomada sem nenhuma pressão pois é “para sempre” e, neste sentido, afirmou que:

no casamento civil, pode se separar, porque foi firmado por homens e o que o homem fez ele separa, mas no religioso, o matrimônio não, porque o que Deus uniu o homem não separa. É para sempre, tem que botar joelhos no chão e ficar juntos, mesmo passando por cima de todas as dificuldades.

⁷ Todos os nomes de entrevistados são fictícios para preservar suas identidades.

⁸ Entrevista realizada em 23.10.2000.

⁹ No silêncio contido nas palavras, regular pressupõe que existam famílias, na ótica da igreja, irregulares, as quais seriam aquelas não fundadas no matrimônio. Sobre o silêncio, consultar ORLANDI, Eni Pulcinelli. *As Formas do Silêncio: Nos movimentos dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

¹⁰ GUIMARÃES, Almir Ribeiro. *A Família e a Civilização do Amor: comentários à Carta às Famílias de João Paulo II*. Petrópolis: Vozes. p. 35.

Logo em seguida lembrou que “esse negócio de ‘se não der certo separa,’ não vem de Deus, é da mídia e não tá certo.” O discurso dele estava então afinado com a Igreja, por isso citou o Direito Canônico. Outro casal, na palestra “Amor e Sexualidade no Casamento,” também defendeu que o casamento é “por toda a vida e não adianta vir com essa ideia moderna porque não vem de Deus.

Outro ponto abordado com frequência no Curso de Noivos é o cotidiano do casamento, com destaque para o uso dos espaços da casa e da autoridade hierárquica de pai e mãe sobre os filhos. Como podemos observar, através dos depoimentos e das palestras, há um enfoque muito grande na necessidade da igualdade entre homens e mulheres no lar, entretanto quando se fala nos papéis sexuais, alguns casais os colocam de forma segmentada.

O padre problematizou a questão, argumentando a necessidade de os casais compartilharem todas as decisões, os problemas e também as atividades no cotidiano do lar:

o grande problema dos casais é partilhar o corredor, o banheiro, o quarto, a mesa e a pia. Quem manda é ‘eu e você’, porque ‘quem manda é o marido’ é machismo. Eu tenho que multiplicar por dois e não por um. Tenho que dizer ao outro se posso ou não posso.

No mesmo sentido, o coordenador do curso, discutindo os problemas de um casamento, mostra como resolvê-los, e enfatiza a necessidade de marido e mulher construírem juntos o caminho para a resolução de todas as dificuldades:

tem que resolver tudo junto. Vejam a dona Luzia, que é uma mulher santa, é viúva, mas se lembra do seu Celso até hoje como se fosse o primeiro dia. O seu Celso era perfeito? Não. E a dona Luzia? Também não. Mas eles eram felizes, porque tentavam resolver as coisas juntos.

Uma das palestrantes, em sua abordagem sobre a “Paternidade Responsável,” destacou a importância da união e proximidade do casal, no processo de educação dos filhos:

a barriga está no ventre da mãe, mas a gravidez é dos dois. Não vamos pensar que só a mãe tem obrigações. O marido, os pais, devem acompanhar a mulher ao médico, deve acariciar o bebê, mesmo no ventre da mãe, porque isso é comprovado **cientificamente**”(grifo nosso, devido a entonação da sua voz que torna-se mais forte).

Seu marido complementou, relatando sua própria experiência sobre a questão para destacar a relevância da abordagem da esposa, e afirmar que, para os casais encontrarem a felicidade na família seria necessário os homens compreenderem que:

a mãe, pela própria natureza é mais ligada ao filho. Cabe ao pai participar, mas participar mesmo, até lavando fraldas, dando banho. Eu sempre participei com minhas filhas no diálogo, carinho, brincadeiras. Hoje, para minha felicidade, minhas filhas confiam em mim. A minha felicidade hoje foi por causa desse amor na criação, porque a gente dividia tudo eu com a Marta.”

Na palestra “Direitos e Deveres na Família,” novamente foi ressaltada a necessidade de se pensar em direitos iguais na família, sempre citando o machismo como algo a ser vencido no cotidiano, nas atividades rotineiras e nas decisões importantes. Assim, considerando o machismo como parte da natureza masculina e que deveria ser enfrentado, um dos palestrantes argumenta que, após o casamento, um homem já não deve mais sair com os amigos em seus momentos de folga do trabalho, mas aproveitar para estar com sua esposa e filhos:

O homem já não pode mais sair sozinho fim de semana com os amigos porque ele tem uma esposa. Ele tem que ter carinho com os filhos, mesmo sendo a esposa cem por cento, porque a gente sabe que é assim natural, ela vai ter carinho com o filho e é gostoso. Eu falo porque é difícil, o homem é orgulhoso, a gente sabe que é da natureza mesmo ser machista. Mas tem que admitir: é gostoso cuidar dos filhos.

Sua esposa o interrompeu para defender que o casamento é um dom de Deus e que nem todos receberam tal dom, por isso acredita que muitos deveriam não se casar para não prejudicar suas próprias vidas e nem a de outra pessoa com a qual pretendem se unir:

casamento para mim é dom de Deus e é que nem uma profissão, a gente tem que saber dividir tudo um com o outro. Não dá para ser professor, então faz outra coisa, não dá para ter família, é melhor não arriscar e desistir.

A igualdade no casamento é o ponto discursivo principal sustentado pelos palestrantes do Curso de Noivos, pois enfatiza a necessidade de homens e mulheres compartilharem tudo de modo igualitário no lar sem diferenciar as funções de cada um de forma hierárquica. Compartilhar tudo, inclui, a criação dos filhos, não apenas os passeios de fins de semana ou o carinho noturno, mas pegar no colo desde bebê e trocar fraldas, levar e trazer da escola, ajudar nos problemas, conversar. Sobre os serviços da casa, os palestrantes defenderam o quanto devem seguir a ordem das coisas: se o homem estiver desempregado então deve permanecer em casa fazendo todo o serviço doméstico.

Segundo a proposição dos palestrantes, as decisões deixam de ser centradas na esfera do masculino e passam a ser partilhadas e discutidas entre o casal. MacFarlane, estudando a história do amor no Ocidente, destaca que as decisões em um casamento são importantes e, a passagem do poder decisório na vida conjugal, da esfera masculina para a feminina ou a bilateralidade retrata, muito além de comportamentos particulares, os próprios valores organizadores da sociedade.¹¹

O discurso da igualdade é a criação de um paradigma recente nas sociedades ocidentais, segundo Joan Scott.¹² Para ela, o novo paradigma defende que tudo no lar deve ser partilhado pelo homem e pela mulher de forma igualitária. A família moderna seria aquela que consegue congrega a diversidade *versus* a diferença e estabelecer,

¹¹ MacFarlane discute como, entre as elites, o surgimento do amor romântico enquanto norma aceita pela sociedade, muda o foco das decisões na constituição das famílias, porque até então os casamentos deveriam ser decidido num acordo entre os pais dos noivos e passou então a ganhar importância os desejos pessoais, pautados nas escolhas individuais. Um outro momento importante na sociedade é a tomada das decisões internas a um casamento, quando muitos casais passam a compartilhar estas responsabilidades. Sobre o assunto, consultar MacFARLANE, Allan. *História do casamento e do amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

¹² Joan Scott ressalta a necessidade de se pensar pluralidades e diversidades de estudos e conceitos, especialmente os formulados dentro da ótica pós-estruturalista, como a categoria gênero. A autora também ressalta que o conceito de *diferença* tem sido muito utilizado nas análises pós-estruturalistas. No entanto, apesar deste conceito ser pensado como uma imposição a algo que está sendo instituído, deve também ser analisado como representações culturais vinculadas ao gênero e, portanto, construções sociais. Consultar SCOTT, Joan W. "Igualdade *versus* diferenças - os usos da teoria pós-estruturalista" In: *Debate Feminista, Cidadania e Feminismo*. São Paulo: Cia Melhoramentos, 1999. p. 206-242.

assim, a igualdade entre o homem e a mulher. Uma igualdade que não sexualiza papéis segundo um modelo hierárquico, mas os estabelece conforme a situação dada.

Os discursos proferidos no curso aproximam-se bastante do paradigma problematizado por Scott, porque, sobretudo os homens palestrantes, afirmam existir o machismo, mas asseveram a necessidade de superá-lo para possibilitar a felicidade do casal. A superação perpassa uma outra forma de construir o cotidiano do lar, pautada na prática de compartilhar todos trabalhos, grandes e pequenos e também as decisões consideradas importantes para a família.

O machismo aparece no discurso como algo a ser ultrapassado, rejeitado, posto ser um entrave à felicidade da família. Em diversos momentos de sua palestra, bem como em conversas conosco, o padre enfatiza que considera necessário que o casamento seja pensado como algo construído em conjunto pelo par. Acrescenta ainda que esta prática inclui a tomada em conjunto das decisões cotidianas, como um passo fundamental para vencer o machismo.

Giddens¹³ argumenta que, apesar de na sociedade atual ser um paradigma estabelecido o do princípio da igualdade entre os gêneros, ainda existe uma linha muito tênue entre a igualdade e a segmentação de papéis sexuais, pois muitas práticas ainda não são aceitas pelos homens. Giddens analisa uma novela, escrita por Julien Barnes, na qual um historiador, Graham, apaixona-se por uma mulher chamada Ann e, por isso divorcia-se de sua esposa para viver com Ann. Ele aceitava que ela sempre tivesse uma vida independente no trabalho e em admitir que Ann teve diversos relacionamentos amorosos antes de conhecê-lo, mas justamente este ponto o incomodava muito. Graham foi ficando cada vez mais enciumado até chegar ao ponto de assassiná-la, por não aguentar saber que um amigo íntimo dele havia mantido, no passado, relações sexuais com sua agora companheira. Giddens sustenta que a sociedade ocidental está em processo de transformação e, por tal motivo, determinados comportamentos ainda não são aceitos porque não se sabe bem como caminhar na busca pela igualdade entre os sexos. Para o sociólogo britânico, em toda transformação na sociedade há um processo em que ocorrem avanços e recuos.

¹³ GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1993.

Apesar de o coordenador do curso de noivos, defender a igualdade, no casamento, entre homens e mulheres, ele sublinhava a importância “de a mulher se arrumar para esperar o marido chegar do trabalho, senão o casamento não funciona.” Defende a igualdade, mas concentra na figura da esposa a responsabilidade de “zelar” pelo casamento, por acreditar que os homens são menos “preparados” para contribuir neste campo.

Seu Pimentel, que vivia junto com a esposa há mais de vinte anos e recentemente se casara na igreja, afirma que o curso de noivos “mudou sua vida.” E que só aprendeu a levar uma vida de casado no curso e no Encontro de Casais com Cristo. Dulcineide, uma das “alunas” desta edição do curso, que também já possuía união consensual estável antes do matrimônio, considera o curso de noivos sem importância e diz tê-lo feito “apenas porque é obrigado para casar na igreja.” Ela defende que para “viver junto, como casado, se aprende no dia-a-dia e não através de um curso.”¹⁴

Das críticas aos elogios, um universo de possibilidades vem à tona durante o curso, que é um momento importante para se ensinar as normas da igreja. Desta forma, através do curso de noivos a igreja pode transitar entre o espaço público, da celebração da missa e do espaço da paróquia, para o privado, no cotidiano do lar, ao buscar inculcar em seus fiéis as normas que devem ser seguidas pelo casal e pela família como um todo.

O noivado

Além de analisar o curso de noivos é importante buscar compreender a transição entre o namoro e o casamento, o “corredor” de passagem entre uma situação e outra: o noivado. Baseado em Turner¹⁵ podemos considerar que os noivos vivem na liminaridade, pois não são mais o que eram, namorados, e ainda não são o que deverão tornar-se, casados. Deixaram de ser namorados, mas ainda não são casados, por isso uma série de valores mudam para os noivos. As representações em torno deles são

¹⁴ Entrevista realizada em 20.05.2001.

¹⁵ TURNER, Victor. “Liminaridade e Communitas” In: *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.p. 16-159.

diferentes e os sistemas de controle e vigilância são, em alguns casos, mais rígidos, em outros, mais frouxos ou flexíveis.

A proximidade de outro momento em suas vidas, do rito que lhes tirará da condição de liminares causa uma série de perspectivas. Ao mesmo tempo, existem os noivos que já vivem juntos há algum tempo e, em alguns casos, têm filhos. Para estes, as representações sobre o noivado diferem dos não iniciados na vida de casado. Os noivos que já “vivem juntos” valorizam mais o rito, porque buscam, em geral, a legitimação religiosa e perante a sociedade, de uma situação concreta, já vivenciada na prática.

Valorizar o rito é valorizar a celebração religiosa, o aprendizado coletivo, aprendido no curso de noivos, a preparação do vestido de noiva, o terno do noivo, a festa, as alianças, os convites e muitas vezes o chá de panela. São momentos diversos de um mesmo ritual que se configura em liminaridade, sobretudo para os jovens namorados que não vivem juntos, porque ficam separados de sua posição anterior na estrutura da igreja, não são mais namorados, mas ainda não podem ser incorporados a uma nova condição, a de marido e mulher.¹⁶

Van Genepp¹⁷ em seu estudo sobre os ritos de passagem, considera que estes se constituem em mudança de categoria no tempo e no espaço, perpassando transformação de posição hierárquica na sociedade. Com base nesta abordagem, podemos considerar que os jovens, quando se tornam noivos, não pertencem mais ao grupo de namorados, pois eles passam a situar-se na liminaridade.

As normas da Igreja, como lembra o secretário geral da paróquia, informam que é preciso casar para morar junto. Para dar início ao processo de noivado é preciso apresentar uma série de documentos, como a Certidão de Batismo e o Certificado de Primeira Comunhão. Quem não recebeu a Primeira Eucaristia e pretende se casar, pode conseguir em apenas um dia de aprendizagem junto ao pároco. Outra exigência para o matrimônio é a comprovação da solicitação do casamento civil, bem como o Certificado do Curso de Noivos.

A taxa para o casamento em 2001 era de cem reais na Paróquia de Santa Teresinha, mas existem outras paróquias de Belém que cobram até mil e quinhentos reais. O secretário considera irrisório o valor da taxa de sua paróquia. Um(a) não-

¹⁶ Idem.

¹⁷ VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1989.

católico(a) pode casar-se com um(a) católico(a) desde que assine um documento e faça o juramento de assumir o compromisso perante à Igreja Católica. As festas de comemoração do matrimônio deixaram de ser realizadas na quadra da paróquia, pois demoravam muito, na maioria das vezes sem cumprir o horário limite estabelecido, de forma que o pároco proibiu que as celebrações complementares fossem realizadas neste espaço.

A ornamentação do templo só pode ser feita pelos decoradores da própria paróquia, mediante o pagamento de taxa a ser combinada entre os prestadores do serviço e os noivos. A participação de toda e qualquer pessoa das famílias dos noivos nos trabalhos de organização da cerimônia de casamento, só pode ocorrer mediante a apresentação prévia da atividade a ser desenvolvida, em concordância com o pároco. Para quem deseja música ao vivo durante a celebração, deve contratar a banda da paróquia.

Todas estas atividades demandam tempo e é necessário dar entrada nos papéis solicitando o matrimônio, com pelo menos 40 dias antes da data pretendida pelo casal, para que transcorra o tempo exigido entre a marcação da cerimônia e sua realização, pois a documentação precisa tramitar na Arquidiocese de Belém e ainda são necessários os quinze dias de proclamas.¹⁸

As etapas acima correspondem aos diversos momentos do ritual de noivado e, enquanto a documentação tramita, os pretendentes ao matrimônio deixam de ser namorados, perante a congregação e seus familiares, tornam-se noivos e, desta forma, segundo as normas da igreja, deverão cumprir uma série de exigências correspondentes à nova posição.

Dona Manoela, casada há cerca de cinquenta anos, rememorando seu noivado, afirma que, para seus pais e o restante da família, quando se tornou noiva de seu Antônio, passou a:

ter mais obrigações, ser mais vigiado para não tropeçar, porque ficava aquele medo do meu pai e da minha mãe, desde que o Antônio pediu minha mão, não pôde mais nem encostar e olha que eu sempre fui festeira só que fiquei, a partir daí, trancada em casa.¹⁹

¹⁸ As proclamas se constituem no anúncio do casamento nos quadros de aviso da paróquia, com a solicitação “que todo aquele que souber de algo que possa impedir a união, procure a secretaria da Igreja.”

¹⁹ Entrevista realizada em 10.08.2001.

O sexo torna-se o maior tabu e uma problemática para muitos casais nessa condição, porque alguns se questionam entre romper as barreiras que separam a união física ou colocar-se favoráveis a ela. Há mais de cinco décadas atrás, como no caso de dona Manoela, o controle sobre os noivos, devido ao tabu do sexo, era ainda maior. A discussão sobre a relação sexual dos noivos é um tabu que produz indefinições e questionamentos no interior das famílias quanto à conduta socialmente aceita para os futuros casados.

Seu Miguel, durante o curso de noivos, defendeu que as uniões que não passam pelo matrimônio, bem como o sexo antes do casamento, são um forma de “pular etapas”, pois se constituem em práticas não aceitas por Deus, devido a ausência das bênçãos da igreja. Mas, em uma entrevista, expressa uma opinião um pouco diferente:

O Curso de Noivos tem um ritmo melhor quando é o Curso Comunitário, porque aí tem casais que já viviam junto mas sem as bênçãos do matrimônio. É bom porque eles têm experiência e relatam aí fica melhor de a gente trabalhar porque experiência é um negócio importante para um casamento e já morar junto faz com que eles possam apenas aprimorar no Curso, ficando melhor do que pra quem ainda vai viver junto.²⁰

A Igreja possui regras, dogmas, e não contrair matrimônio consiste no não-reconhecimento da união para efeito das atividades da paróquia e também no não recebimento das bênçãos divinas concedidas através do padre. A fala de seu Miguel, insere-se na perspectiva de não contradizer as normas da igreja e tampouco colocar-se em oposição aos transgressores às normas por ela estabelecidas, muitos dos quais seus amigos pessoais. Até porque, como abordar o cotidiano da vida a dois é um tema complexo, a presença de casais “experientes” facilita a tarefa dos instrutores no curso de noivos.

O noivado é uma etapa necessária, na visão de líderes da paróquia, porque prepara à outra fase da vida, o casamento, a vida a dois. “Queimar etapas” pode

²⁰ Entrevista realizada em 23.10.2000.

significar, segundo esta visão, comprometer a própria felicidade do casal. Não é permitido ao não iniciado participar de alguns rituais.

Os namorados noivos, por exemplo, não podem participar ou organizar o ECC ou as reuniões da EPM. Estar na liminaridade significa mudança de tempo e de espaço, não se é mais um dos jovens da igreja e também, sem o matrimônio, não se atinge a condição de adulto perante a congregação.

Ao mesmo tempo, não é permitido ocupar determinados espaços e participar de algumas atividades da paróquia. A não-observação de regras, como ocorreu com um dos entrevistados, que conhecemos durante o curso de noivos e que vive junto de sua agora noiva, há alguns anos, pode corresponder a imediato afastamento de momentos rituais:

à medida que os amigos da igreja iam ficando noivos e depois que todos tinham casado, eles [...] lá pelo meio da conversa diziam ‘o Rogério não pode porque ele não é casado.’ Porque sabe, né, eles já eram casados e falavam de coisas de casal que eu não tinha experiência. Aí quando eu fiquei noivo, disse pra eles: ‘agora eu já posso’ e eles ‘ainda não, mas também não pode ficar com os jovens porque eles são namorados’ [no final gargalhadas].²¹

Ele já vivia junto com sua noiva, de modo que não considerá-lo casado, ainda que em tom de gracejo, era uma forma de expressar um certo descontentamento em relação a sua situação contrária aos dogmas da igreja. Depois, uma vez noivo, foi recolocado em determinada posição ritual, a de noivo, como se, a partir deste momento, começasse a vivenciar etapas que conduzem a uma vida a dois, ignorando-se o fato de que já possuía uma união estável com sua noiva.

O noivado é considerado o momento de aprendizagem da vida de casado(a), de transição, para deixar os antigos hábitos de solteiro(a) e para aprender a cuidar de uma casa e de uma família. A reintegração à roda de amigos, a determinados grupos dos quais fazem parte na paróquia, só ocorreu quando Rogério casou-se, pois mudou de *status* e poderia novamente ter um grupo do qual fazia parte na igreja para o desenvolvimento de atividades e conversas.²²

²¹ Entrevista realizada em 07.08.2001.

²² DaMatta destaca a importância dos ritos no dia-a-dia, não como algo presente apenas em algum povo localizado em um continente distante espacialmente do nosso, mas construído diariamente, através de ritualizações que ocorrem em ações consideradas corriqueiras. As mudanças de *status* e de lugar-social são, na concepção dele, algo presente e perceptível em nossa sociedade. Podemos observar nos conflitos e situações diversas observadas na paróquia de Santa Teresinha, como, seguindo a abordagem de

As festas de noivado e casamento, incluem as extra-religiosas como o chá-de-panela, no qual o sexo se manifesta de forma lúdica, através de brincadeiras diversas. Nesse sentido, fazem parte dos rituais que precedem o matrimônio, a preparação de enxovais, a montagem da casa, a reserva financeira para os custos religiosos, as festas e a lua-de-mel, bem como através dos trâmites da documentação para o casamento civil e religioso. Todos estes aspectos são “corredores”, parte do processo de noivado que conduz à vida conjugal, na qual novas posições são assumidas entre os paroquianos e uma série de valores e espaços são recriados e apreendidos.

Com o desenvolvimento do trabalho de campo, fica evidenciado que uma pesquisa vai muito além da objetividade, ela lida com afetos. O pesquisador constrói relacionamentos com pessoas completamente desconhecidas até aquele momento. As conversas na residência dos casais ouvindo-os contar suas histórias de vida, falar de seu íntimo, do relacionamento conjugal familiar e do cotidiano do lar cria vínculos, estabelece laços. O convite para voltar torna-se inevitável e está, muitas vezes, além da pesquisa, pois os dados já foram obtidos, porém são afetividades e amizades cultivadas que envolvem as novas demandas na construção de relacionamentos.

Sentar às mesas para conversar, comer conjuntamente ou visitar as pessoas em suas casas para realizar entrevistas cria laços. A entrevista direcionada para assuntos determinados não acontece na prática. As pessoas nos fazem várias perguntas, sobre nossa vida, discutem futebol, política, pratos preferidos, convidam para almoçar, comentam os programas de televisão, os filmes.

Enquanto falam sobre o que pensam em relação ao casamento ou os momentos que antecedem a seus próprios matrimônios, manifestam incertezas, desejos, receios e também suas alegrias e os sentimentos que nutrem por seus(uas) noivos(as). Estudar o curso de noivos e o noivado em uma paróquia de Belém possibilita conhecer a temática e as pessoas que as vivenciam em um momento que consideram muito importante em suas vidas, pois esperam, como nos contos de fadas, que esta etapa seja concluída com “e eles viveram felizes para sempre”.

DaMatta, existe uma presente ritualização nos eventos que precedem a um casamento. Sobre o tema, consultar DaMATTA, Roberto. “Apresentação” In: VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1989. p.11-21.

Referências

- DaMATTA, Roberto. “Apresentação” In: VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1989. p.11-21.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1993.
- GUIMARÃES, Almir Ribeiro. *A Família e a Civilização do Amor: comentários à Carta às Famílias de João Paulo II*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- HEILBORN, Maria Luiza. “Vida a Dois: conjugalidade igualitária e identidade sexual” In: *Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), 1992. p. 143-156.
- MacFARLANE, Allan. *História do casamento e do amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *As Formas do Silêncio: Nos movimentos dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- SCOTT, Joan W. “Igualdade versus diferenças - os usos da teoria pós-estruturalista” In: *Debate Feminista, Cidadania e Feminismo*. São Paulo: Cia Melhoramentos, 1999. p. 206-242.
- TURNER, Victor. “Liminaridade e Communitas” In: *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 16-159.
- VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1989.

Recebido 30/5/2012. Aceito 28/8/2012.